



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIENCIAS SOCIAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE AÇÕES ARTICULARES DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BASICA (PARFOR)**

RAIMUNDO PINHEIRO GONÇALVES

**TEMA: PRATICAS DOCENTE: MEMORIAS ENTRE A EDUCAÇÃO BASICA
E A UNIVERSIDADE**

ABAETETUBA-PARÁ

2017

RAIMUNDO PINHEIRO GONÇALVES

**TEMA: PRATICAS DOCENTE: MEMORIAS ENTRE A EDUCAÇÃO BASICA E
A UNIVERSIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, Pela Universidade Federal do Pará. Orientado pelo Prof. Msc. Erbio dos Santos Silva, turma 2013 “

ABAETETUBA-PARA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G635p Gonçalves, Raimundo Pinheiro.
 Práticas docente: : memórias entre a educação básica e a
 universidade / Raimundo Pinheiro Gonçalves. — 2017.
 51 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Me. Erbio dos Santos Silva
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Pedagogia, Abaetetuba, 2017.

 1. História de vida. 2. Docência e Formação acadêmica. I.
 Título.

CDD 370

RAIMUNDO PINHEIRO GONÇALVES

**TEMA: PRATICAS DOCENTE: MEMORIAS ENTRE A EDUCAÇÃO BASICA E A
UNIVERSIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito final para obtenção de grau em Licenciatura
Plena em Pedagogia, Pela Universidade Federal do Pará.
Orientado pelo Prof. Msc. Erbio dos Santos Silva, turma
2013 “

DATA: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Erbio dos Santos Silva

Prof.

Prof.

ABAETETUBA-PARA
2017

Dedico a Deus em primeiro lugar, a meus familiares, aos professores da Universidade Federal do Pará, aos amigos, meus irmãos e todos que contribuíram e me incentivaram em meus estudos todos foram maravilhosos, todos deixaram suas pegadas nessa caminhada, foram vocês que me ajudaram aos meus 66 anos realizar este grande feito.

AGRADECIMENTOS

Cada um com seu olhar ou seu modo de ser tem sempre um lugar, e um espaço na minha vida e no meu coração. Sem cada um de vocês não teria sido capaz de ter chegado aonde cheguei.

Cada um com seu brilho, sua história, sua capacidade e suas memórias, foram os grandes protagonistas que iluminaram esta minha caminhada.

Agradeço primeiramente ao Criador de todas as coisas pelo Dom da vida e por ter me encaminhado durante o percurso em que trilhei, pois mais este caminho que colocou na minha vida.

Agradeço ao meu orientador professor Érbio que com a sua simplicidade, a sua maneira de ser e o seu exemplo me garantiu a certeza de que somos capazes de socializar conhecimentos com dedicação, incentivo e dinamismo a todos.

Agradeço a todos os meus 36 colegas das ilhas, da sede, de Cametá, Mocajuba, Curusambaba, Barcarena, Moju, Igarapé Mirim, Acará, Ourém e Arianga, pela convivência durante estes quatro anos que passamos juntos de mãos dadas em busca dos mesmos objetivos e com simplicidade ajudando-se mutuamente uns aos outros.

Agradeço aos meus amigos: Domingos Flavio, Herbert, Manoel Dias, Elinaldo em todos os momentos em que foram meus parceiros em todas as horas em que precisei.

Amo cada um de vocês que fizeram parte de minha história, porque acreditaram que eu seria capaz de chegar aonde cheguei.

Vocês meus colegas acadêmicos, ficarão guardados no meu coração.

Agradeço a minha esposa Margarida que além de companheira e minha grande amiga em todos os momentos da minha vida e que durante esta jornada sempre me incentivou principalmente quando vinham as dificuldades ela estava sempre me dando força.

Agradeço também aos meus filhos que me animavam com a certeza de que eu ia conseguir tudo isso para mim vai se tornar inesquecível.

A Universidade Federal do Pará (UEPA) pela oportunidade de ofertar o Curso de Licenciatura pelo PARFOR no município de Abaetetuba.

"Determinação coragem e autoconfiança são fatores decisivos para o sucesso. Se estamos possuídos por uma inabalável determinação conseguiremos superá-los. Independentemente das circunstâncias, devemos ser sempre humildes, recatados e despidos de orgulho." (Dalai Lama)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre minha trajetória pessoal, escolar, profissional e acadêmica resgatando os fatos históricos, envolvendo as minhas experiências, perpassando pela infância onde alguns fatores como as brincadeiras, valores familiares contribuíram para o meu desenvolvimento em diversos aspectos de mudanças e transformações. Senti necessidade de aprofundar meus conhecimentos e saberes adquirido através de estudos e experiências com os colegas, docentes e todos os sujeitos que envolvem a educação em diversas etapas, assumindo responsabilidades que certamente contribuíram para a inserção na docência no município de Abaetetuba. Partindo de uma revisão bibliográfica, bem como das discussões e das reflexões socializadas com as disciplinas interdisciplinares durante o curso de pedagogia. Esta pesquisa de abordagem qualitativa tem como método a história de vida ou método (auto) biográfico que expressou o escrito da própria vida. Sendo assim a escrita da narrativa mobilizou-se de uma tomada de consciência, tornando-se evidente o meu conhecimento das dimensões intuitivas, pessoais e políticas remetendo a constantes desafios em relações às experiências e as posições tomadas.

PALAVRA CHAVE: História de vida/ Docência e Formação – Acadêmica.

ABSTRACT

The present work aims to reflect on my personal, academic, professional and academic trajectory rescuing the historical facts, involving my experiences, passing through childhood where some factors such as jokes, family values contributed to my development in several aspects of changes and Transformations. I felt the need to deepen my knowledge and knowledge acquired through studies and experiences with colleagues, teachers and all subjects involved in education in several stages, assuming responsibilities that certainly contributed to the insertion in teaching in the municipality of Abaetetuba. Starting from a bibliographical review, as well as the discussions and socialized reflections with the interdisciplinary disciplines during the course of pedagogy. This research of qualitative approach has as method the life history or (auto) biographical method that expressed the writing of the own life. Thus the writing of the narrative was mobilized from an awareness, becoming clear my knowledge of the intuitive, personal and political dimensions referring to the constant challenges in relation to the experiences and the positions taken.

KEY WORD - Life History / Teaching and Training - Academic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2. TRAJETÓRIA DA VIDA DE RAIMUNDO PINHEIRO GONÇALVES.....	14
2.1. VINDO DAS ILHAS PARA ABAETETUBA	16
2.2. ALGUNS RECORDES DE MINHA VIDA.....	18
2.3. MINHA INFÂNCIA	20
2.4. PERCURSOS ESCOLARES DO PRIMÁRIO AO ENSINO FUNDAMENTAL	21
3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: ITINERÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	24
3.1. ASPÉCTOS HISTÓRICOS DAS MUDANÇAS EDUCACIONAIS.....	28
3.2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO LEGAL.....	31
4. TRAJETÓRIA DOCENTE E POLITICA DE FORMAÇÃO	33
4.1. PROJETOS GAVIÃO: COMO ME TORNEI PROFESSOR?	35
4.2. PRÁTICAS DOCENTES: CONTRIBUIÇÃO DO PARFOR	38
4.3. FORMAÇÃO SUPERIOR E A CONSCIÊNCIA DO INACABADO	40
4.4. PRÁXIS DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE O MEU APRIMORAMENTO PROFISSIONAL.....	41
4.5. PARFOR: UMA NOVA PRAXIS	42
5. O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERENCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo apresentar a minha trajetória pessoal, escolar profissional, até a Universidade. Para elaborá-lo, levei em conta as condições e situações que envolveram a minha trajetória de vida até o momento da escrita deste. Na elaboração, procurei destacar alguns dos aspectos relevantes desta trajetória.

Ao narrar história sobre minha vida e sobre o mundo que percepciona constitui como conteúdo de investigação-formação. Não é a história em si mesma, mas como o sujeito interpreta e conta essa história (Delgado 2006). Discutir o papel da rememoração docente no processo do fazer educativo emancipatório pretende-se colocar no centro da análise sobre a formação docente, a importância de trabalharmos a memória como um dispositivo que possibilita a reflexão sobre a prática docente e aponta a possibilidade de novas formas do fazer docente na sala de aula.

Apresento aqui a construção de princípios, valores, atitudes e trajetórias desde o nascimento, ao início dos estudos que contribuíram na busca da minha identidade pessoal e profissional, além das dificuldades e decepções enquanto sujeitos que possuem como uma de suas principais singularidades a experiência de ser oriunda da zona rural e ribeirinha na Amazônia brasileira, na busca da qualificação profissional que tem como ápice a formação universitária.

Nesse sentido ao escrever sobre a minha história de vida, vou construindo minha própria identidade, com o intuito de melhorar a cada passo minha capacidade de ver, e de pensar sobre minhas ações. Assim, com o desenvolvimento da investigação, história de vida foi decodificando na história e na experiência de vida. Essa decodificação foi extremamente importante para minha compreensão. Para Galvão (2005):

A narrativa, como um aspecto inerente à metodologia de investigação de poder representa uma intrusão social na vida de outra pessoa, assim diz a autora: “Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo”. (p.330).

É de suma importância dizer ainda que eu, como pesquisador-pessoa, apareço de maneira muito evidente em todo trabalho, descobrindo e valorizando minha singularidade; sabendo e expondo que, embora construa certa distância do “objeto/sujeito”, a história começa pela minha própria história. Cito também que a elaboração dessa escrita só foi possível ser realizada a partir dos saberes pedagógicos, das teorias e das experiências educacionais adquiridas antes e durante o Curso de Pedagogia oferecido pelo PARFOR.

Cito ainda que no processo de construção desta pesquisa selecionasse como recursos metodológicos a memória, a autobiografia, as narrativas e leitura de várias bibliografias de importantes autores que discutem a temática como: Freire, Maluf, Cunha, Pimenta, Novóia, Maués Schimidt; Ribas e Carvalho entre outros.

Dessa forma, na execução deste trabalho enfatizo a importância da autobiografia usada nas análises e nas observações e as reflexões acerca do processo educativo vivido até o presente momento.

A autobiografia usada como metodologia de educação, busca investigar através da história de vida escolar, a importância e os desafios enfrentados durante o período escolar vivido, lembrar esse momento no qual foram adquiridos saberes e experiências significativas para minha vida é como voltar ao tempo e vivenciá-los novamente. Portanto, “Trata-se de relatos construídos a partir do posicionamento que os sujeitos assumem no interior de uma ordem particular de saberes e discursos” (MAUES, 2005, p. 140).

Os caminhos percorridos durante minha graduação possibilitaram momentos riquíssimos de reflexões e de trocas de experiências, os quais me ajudaram de maneira eficaz na construção dos saberes pedagógicos, os mesmos passaram a ser utilizados de forma pedagogicamente correta no trabalho docente e assim houve a resignificação das práxis e o objetivo geral deste trabalho foi alcançando.

Enfatizo ainda que os objetivos desta pesquisa foram: a) Apresentar a minha trajetória de vida pessoal até a Acadêmica b) apresentar algumas considerações sobre a prática pedagógica na educação c) discutir o contexto

legal no qual vem se pautando a prática pedagógica atual; d) discutir as principais políticas de formação que foram criadas para amparar a trajetória docente no Brasil, dando destaque dentro desse conjunto de ações para o Projeto Gavião e para o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-Parfor.

A proposta desenvolvida por este trabalho é apresentar algumas considerações sobre a prática pedagógica na educação brasileira, a partir do que se vem discutindo por diferentes autores em publicações recentes, tendo como fio condutor o caminho percorrido pela educação básica, e todos os aspectos históricos que causaram mudanças sociais e por consequência acarretaram e vem acarretando mudanças em vários aspectos no campo educacional.

Dentro de essa proposta discutir o contexto legal no qual vem se pautando a prática pedagógica atual; discutir as principais políticas de formação que foram criadas para amparar a trajetória docente no Brasil, dando destaque dentro desse conjunto de ações para o Projeto Gavião e para o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-Parfor; objetivando pontuar as contribuições que essas políticas trouxeram para a prática docente e para o aprimoramento pessoal e profissional dos educadores inseridos nas ações governamentais citadas acima.

Se partirmos do ponto de afirmação onde temos a prática como fonte geradora de conhecimento, implicará todo um problema de reflexão que vem sendo pesquisado por diversos estudiosos que serão utilizados como referência durante o aprofundamento da temática abordada neste texto.

Estes autores defendem que a escola deve se caracterizar como um ambiente prático de formação, desenvolvimento, realização e de avaliação de seu projeto educativo, uma vez que é importante organizar seu trabalho pedagógico com base em seu público alvo, os alunos. Como já delineei acima o primeiro momento serão abordados alguns aspectos relevantes de trajetória de vida do Raimundo Pinheiro Gonçalves

No primeiro momento, tenta-se discutir o conceito de “prática pedagógica”, onde a prática se define como agir, realizar, fazer; e a pedagógica, apresenta-se com algo que se refere à pedagogia, ciência que se dedica ao processo de educação, e tem como objeto de estudo a educação, o

processo de ensino e a aprendizagem, onde o sujeito é o ser humano (enquanto educando), estudando ainda os problemas que se relacionam com o desenvolvimento do mesmo.

Nessa perspectiva, observa-se que uma prática ainda comum no ambiente escolar é a aplicação dos paradigmas conservadores como método de ensino. Entretanto, numa sociedade em constante mudança – mudanças essas que serão detalhadas posteriormente neste trabalho - torna-se questionável a utilização de metodologias que exijam do aluno mera passividade e não lhe possibilitem o desenvolvimento da autonomia e de sua vivência.

Defende-se aqui que a prática desenvolvida hoje na escola, tem que ser bem mais ampla do que a transmissão de um conteúdo sistematizado do saber; Deve-se sim incluir a individualidade da criança, a criatividade, os hábitos e habilidades.

Num segundo momento, procura-se traçar um panorama dos principais aspectos históricos que trouxeram mudanças expressivas no mundo educacional brasileiro. Essas mudanças se deram principalmente no campo social e cultural, nos últimos anos do século XX, advindas do processo de democratização do país e das inovações tecnológicas.

Tais observações são de fundamental importância se considerar a prática pedagógica como parte de um processo social e de uma prática social ampliada, envolvendo a dimensão educativa não apenas no âmbito escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens.

Outra linha de abordagem desse texto é a que se refere aos marcos legais que regem a prática pedagógica no Brasil. O primeiro esclarecimento a ser feito em relação a todos os aspectos do novo ordenamento legal brasileiro é o que se desloca o eixo da educação escolar do ensino para a aprendizagem. Essa nova composição pedagógica foi reforçada tanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 quanto na Constituição Brasileira de 1988, pois nelas estão determinados os novos direitos sociais.

A LDB 9394/96, tem entre suas finalidades, o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo atual (nacional e regional) e a prestação de serviço especializado à população, estabelecendo com ela uma relação de reciprocidade, além de, desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação

comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Outro ponto a ser discutido aqui, são as políticas de formação brasileiras que foram criadas com a finalidade de garantir a qualidade da educação no Brasil, principalmente nas séries iniciais, nas quais apresentavam altos índices de professores considerados leigos lecionando. Dentro dessas ações daremos destaque para o Projeto Gavião, desenvolvido no Estado do Pará durante os anos 90; e para o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor que tem entre suas metas ministrar cursos superiores gratuitos para professores sem formação adequada à LDB 9394/96.

Para estabelecer uma melhor compreensão dessa trajetória no primeiro capítulo apresento alguns momentos marcantes da minha vida pessoal, o expondo meus sentimentos com muita intensidade. No segundo capítulo, apresento a prática pedagógica e os caminhos percorridos da docência, e no terceiro capítulo apresento a trajetória docente e políticas de formação. No quarto capítulo a práxis docente e no quinto capítulo a o ingresso no curso de pedagogia na universidade através do PARFOR (quebrando paradigmas) e os saberes pedagógicos adquiridos na graduação.

Desta forma, o memorial a seguir apresentado, divide-se em partes distintas. Sendo assim, a partir desse momento convido a todos para conhecer o meu memorial que apresenta minha história de vida, começando pela infância, perpassando por várias fases: de estudante, esposo, pai, professor até minha formação acadêmica. E durante este processo no qual usei a memória para descrever minha autobiografia, fui construindo minha identidade e me identificando como pessoa.

2. TRAJETÓRIA DE VIDA DE RAIMUNDO PINHEIRO GONÇALVES

A partir da abordagem sobre a relevância do valor histórico, que as pessoas vivenciam como parte integrante da organização dos conhecimentos relacionados a história cultural das sociedades de muitas nações é que o presente memorial expõe de forma sistemática a trajetória de vida escolarização até a universidade de Raimundo Pinheiro Gonçalves.

Vindo das ilhas de Abaetetuba, mais precisamente da localidade conhecida como “Furo do Gentil”, Raimundo é filho de uma família de nove irmãos. Sendo ele o segundo. De herança humilde (linhagem familiar) proveniente do trabalho no campo, em especial do engenho, onde atuava em situações precárias, Raimundo aprendeu cedo o valor do trabalho e a importância da educação, a qual não era fácil o acesso.

Morador ribeirinho, nascido e criado na região das ilhas, Raimundo conhece bem os desafios de educar e ser educado naquele lugar. Moradias humildes (casas artesanais – ver Figura 01), mas muito bem caprichosas, o pequeno e aconchegante lugar para os sujeitos das águas.

Figura 01: Casa tradicional da região ribeirinha de Abaetetuba



Fonte: Arquivo pessoal do acadêmico (Raimundo Gonçalves)

O Furo Gentil, onde nascera Raimundo dá acesso ao Rio Ajuai região das ilhas, lá em uma casa de madeira, coberta com palha, com inúmeras outras que existem nos rios Amazônicos (tal como na foto anterior).

Figura 02: Furo Gentil localidade onde mora o acadêmico (Raimundo Gonçalves)



Fonte: Arquivo pessoal do acadêmico (Raimundo Gonçalves)

A morada dessa família era dividida em um espaço de **três cômodos**, com: **salas, banheiro e cozinha** para onze pessoas (pai, mãe, eu e outros oito irmãos), sendo seis mulheres e dois homens dos quais sou o segundo filho. Meu pai chamava-se Laudemir da Silva Gonçalves e era lavrador, minha mãe era doméstica e chamava-se Ildebranda Pinheiro Gonçalves ambos (em memorian)

A relação com o rio era e continua sendo de muita cumplicidade. A casa ficava sobre as águas por ser área de várzeas, de onde também se tiravam os alimentos, água para beber e para tomar banho. Passávamos muitas dificuldades devido à renda da família ser muito baixa, o meu pai era **calafate**¹

¹Trabalhador artesanal que faz o acabamento de vedação das embarcações, típico da região Amazônica e/ou de rios. O trabalho envolve a produção de uma mistura que produz a “Massa de Calafeto”, proveniente da mistura do **Cré** (Pó triturado da Ostra), óleo de linhaça, algodão, Zarcão (Pó vermelho insolúvel em água – conhecido cientificamente como tetróxido de Chumbo – Pb_3O_4).proveniente da

e a minha mãe doméstica às vezes ela faltava o trabalho e meu pai ficava buscando outros trabalhos alternativos.

Os fatos aqui relatados representam um legado de conhecimento na área da história local mediante importantes, mas as vezes não percebidos pelos sujeitos do lugar ou mesmo pelas autoridades.

Contudo, é importante acordar para esses fatos que devem contribuir com a formação da identidade e processos emancipatório dos povos tradicionais, para os quais a memória ainda é uma fonte marcadamente forte na manutenção da história e da perpetuação da cultura, tal como destaca Legoff (1996, p. 24).

[...] a memória, onde cresce a história que por sua vez alimenta, procuramos salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

A reflexão ora apresentada pelo autor nos leva a acreditar que nós somos sujeitos de construções coletivas, logo nossas histórias são sempre partilhas de outras histórias e por isso remete-se a uma perspectiva coletiva. O autor nos alerta a sermos críticos e não nos submetemos às imposições que podem nos condicionar a servidão. Precisamos ser sujeitos de nosso tempo e de nossa história em comunhão com nossos pares (Freire, 1996).

2.1 VINDO DAS ILHAS PARA A ABAETETUBA

Situada às margens do rio Maratauíra, ao nordeste do Estado do Pará, Abaetetuba é um município amazônico limita-se com os municípios de Barcarena, Igarapé-Mirim, Moju e Limoeiro do Ajuru.

Abaetetuba possui uma população de aproximadamente 151.934 (cento e cinquenta e um mil e novecentos e trinta e quatro) habitantes, no estuário dos rios Pará e Tocantins, onde esses rios formam a Baía de Marapatá, na zona Tocantina. No entanto, possui uma topografia bastante acidentada quanto a presença de ilhas, rios, igarapés, furos, baías, praias e costas que constituem a Zona Ribeirinha ou a região das ilhas de Abaetetuba.

mistura do **Cré** (Pó triturado da Ostra), óleo de linhaça, algodão, Zarcão (Pó vermelho insolúvel em água – conhecido cientificamente como tetróxido de Chumbo – Pb_3O_4).

Figura 03: Chegando a Abaetetuba



Fonte: Arquivo pessoal (acadêmico Raimundo Gonçalves) Furo Gentil localidade onde mora.

Abaetetuba, cidade que representa uma encantadora surpresa para quem a visita pela primeira vez. Simples em seu traçado e nas construções urbanas, a cidade cresceu as margens do Rio Maratauíra, um dos afluentes do Rio Tocantins. Seu povo é alegre, bastante hospitaleiro, sobretudo apaixonado pela sua terra, que na língua Tupi, significa “homens fortes e valentes.”, que tem o privilégio de narrar à trajetória de vida de Raimundo Pinheiro Gonçalves e notadamente deixa-se claro que a ideia de resgatar a vida do professor é uma forma de valorizar a história local.

A problematização do estudo histórico inicia sempre pelo local que se torna objeto de análise constante e não mais em apenas uma das séries, dependendo do tema a ser estudado. Para efetivar o estudo local, a proposta fundamenta-se na história do cotidiano e apropria-se dos seus métodos com o objetivo de inseri-las como ações de pessoas comuns homens, mulheres, crianças e velhos e não exclusivamente as ações políticas e das elites sociais (BITTENCOURT, 2004, p.113-114)

Para iniciar a descrição da memória pessoal, ou até mesmo de outras pessoas, é inevitável que se deixe conhecer as origens, para quem sabe, fazer uma associação com o que se vive hoje. Desta forma, o memorial aqui apresentado, divide-se em alguns traços que podem vir numa sequência

cronológica; outros, porém, alternado, tendo em vista a relevância dada para os mesmos, pelo tempo que aconteceram, ou com sua relação com outro.

2.2 ALGUNS RECORTES DE MINHA VIDA

Sou Raimundo Pinheiro Gonçalves, brasileiro casado pai de nove filhos e avô de sete netos nascido há sessenta e seis anos na zona rural nas ilhas do município de Abaetetuba Pará. Por se tratar de uma localidade muito distante do centro urbano da cidade de Abaetetuba. Desde cedo aprendi a dar valor a pequenas coisas, o que me tornou uma pessoa honesta. Meus avos, pais e tios, são exemplos a ser seguidos.

Tenho orgulho dessas pessoas tão presentes em minha vida, pois são pessoas determinadas, trabalhadoras e honestas, e que desde muito cedo tiveram que trabalhar para dar conta das obrigações de suas famílias, e com muito sacrifício estudar. Um dos fatos marcantes foi a escola. As dificuldades para estudar eram muitas. Os principais meios de transporte eram e continuam sendo a canoa o barco, hoje também a rabeta ou (rabubo – ver figura 3) como é denominada.

Figura 04: Rabudo como meio de transporte



Fonte: Arquivo pessoal (acadêmico Raimundo Gonçalves) Furo Gentil localidade onde mora.

A educação escolar há tempo, ocorria nas casas das famílias da comunidade, mas de maneira pouco convencional e imprópria, onde os professores leigos ensinavam em várias séries as crianças com diferentes idades. Meus pais casaram-se e desse matrimônio constituíram uma família com nove filhos que só lhes trouxe alegrias.

Porém, nesse momento desejo registrar os momentos inesquecíveis de minha infância, os quais não poderiam deixar de registrar fatos significantes de convivência e não posso deixar de mencionar meus queridos pais “in memoria”. É importante ressaltar que:

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo de anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido ao passado. Dai que eu tenha falado antes de “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de sermos fundamentais de modo como nós experimentamos em cada momento. Gostaria de referir-me agora, a outros deles, a outra trama que marcou com força minha experiência existencial e teve sensível influência no desenvolvimento do meu pensamento pedagógico e de minha prática (FREIRE, 1921. P.14)

Ao relembrar os momentos marcantes e significativos de minha infância, enfatizo que o ambiente familiar foi muito importante, pois conheci parte do mundo, da cultura material e imaterial, dos valores e crenças locais e de outras realidades, inclusive ao chegar à escola básica que mesmo muito limitada foi fortalecida com o mundo do trabalho, experiência que me fez amadurecer cedo.

Sendo assim, é inconcebível compreender quem sou ou quem são os ribeirinhos sem compreender o universo que nos rodeia e a escola faz parte disso. Contudo, é importante lembrar que falo da escola do campo, multisseriada, de um modelo de educação muitas vezes homogeneizado (tratado como igual), mas que certamente é bem heterogêneo (diverso diferente). Sendo assim, olhar para a educação ribeirinha exige uma sensibilidade com as tradições, culturas e respeito à natureza que contribui e as vezes até determina nossa forma de ser, agir e viver, bem como de aprender naquele lugar.

As pessoas de minha comunidade, as crianças que lá habitam tem uma escola que não responde a necessidade local, mas são introduzidas no mundo

da educação escolar para “garantir” o direito à educação. Será? Às vezes me pergunto se não seria uma forma de negar tal direito.

2.3 MINHA INFÂNCIA

A minha infância foi de um menino pobre como muitos da minha época bem simples mesmo, o que era normal para os padrões daquela época, sobretudo em nossa região e município, devido a carência da minha família, meus pais não tinham condições de comprar roupas, calçados ou brinquedos, diferente do que hoje posso proporcionar para os meus filhos. Mas, apesar de todas as dificuldades que a minha família enfrentava, meus pais souberam me educar ensinando-me a respeitar as pessoas.

Na minha infância eu gostava de diversas brincadeiras, as quais praticavam com meus colegas, pois eu não tinha irmão à época para brincar comigo. Entre as inúmeras brincadeiras, brincávamos de jogar futebol, de carrinho, confecção de barquinhos e aviões feitos por nós mesmos, utilizando o **Miriti**² como matéria prima.

Quanto à religiosidade eu me lembro dos festejos dos santos que várias pessoas realizavam em suas casas, as tradicionais novenas, com ladainha capitulada por uma equipe de quatro rezadores era a devoção do povo naquela época (herança da matriz europeia que foi fortemente deixada nesta região durante o período colonial que também se perpetua até hoje).

A quadra junina era marcada com novenas a Santo Antônio, São João e São Pedro tinham as folias dos santos. A parte folclórica era marcada pelos cordões: boi bumbá, cordão de pássaros e os bailes dançantes que era muito

2 O miritizeiro é uma palmeira abundante na região de Abaetetuba, comum nas áreas alagadas, tem uma altura que varia de 30 a 50 metros. Por se tratar de um material familiar de múltiplo uso, seja como meio de subsistência para os índios e caboclos, uma vez que seu fruto tem agradável sabor e inúmeras utilidades; seja como material de construção de habitações; seja pelo uso de suas talas na magnífica cestaria regional; seja na fabricação dos brinquedos de miriti com a polpa que serve como alimento como: suco, vinho doces pudins entre outros. O miriti tem contribuído com o desenvolvimento sustentável como a maneira de alcançar um determinado crescimento econômico sem a degradação do meio ambiente e seus recursos naturais.. O local não entendido apenas como uma conotação física, o artesanato. Nos últimos anos a comercialização dos brinquedos de miriti vem ganhando maior expressividade, com ápice de produção em outubro, durante a festividade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, porém se expandido para além deste período e do estado. Portanto, identificou-se um artesanato secular tipicamente amazônico, por conter em suas formas elementos representativos do cotidiano. Compreendendo-se as dimensões da sustentabilidade as quais expressam a condição real do artesanato e também a expressiva importância dos brinquedos de miriti uma vez que sua comercialização contribui para a geração de renda, qualidade de vida e cultura dos sujeitos envolvidos.

comum realizarem no final dos festejos dos santos (aqui diversas marcas culturais, fruto da miscigenação racial de nosso povo, que nessas festas apresentam heranças europeias, africanas e nativo-indígenas).

O nosso compromisso na época em primeiro era os estudos, depois ajudar nas tarefas em casa como: encher água, apanhar açaí e nas horas de folga brincava em casa, às vezes com os colegas que moravam mais próximo dela. Em relação aos meus estudos, não tive oportunidade de cursar a Educação Infantil, algo raro naquela época mesmo nos centros urbanos. Sendo assim, ingressei direto no primário (algo similar ao primeiro ano do Ensino Fundamental) e cursei até a terceira série, depois tive que parar, pois era caro estudar, haja vista que os materiais didáticos eram caros e deveriam ser custeados pelos pais.

Bem diferente de hoje, onde há programas que mantêm o transporte, os livros didáticos e alimentação escolar, mesmo sendo precários ajudam e ampliam as chances dos alunos permanecerem na escola.

Por fim, a falta de oportunidade e condições me apresentou o mundo do trabalho, que acabou me tomando de assalto, já que na mesma época meu pai encontrava-se muito doente e como eu era o mais velho dos filhos homem assumi a obrigação junto com minha mãe da manutenção da família. Tempos difíceis...

2.4 PERCURSOS ESCOLARES DO PRIMÁRIO AO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao relembrar os momentos marcantes e significativos da minha infância ressalto que no ano de 1958, quando eu completei sete anos, comecei a estudar e meu pai me matriculou na escola da professora Emiliana Maués da Costa, situada às margens do rio **Cuitininga**³, eu fui matriculado com essa idade porque naquela época não havia educação infantil, os alunos eram alfabetizados através do ABC, a escola funcionava na casa da professora porque não tinha prédio próprio.

3 Cuitininga³, significa na linguagem dos rios em tupi guarani é CUITÊ-NINGA, sendo um nome composto e assim classificado: CUITÊ: Chapéu velho de copa, NINGA: Sufixo de aninga CUITÊ+ NINGA; Chapéu de Copa de Aninga, ou: - VELHO CHAPEU DE COPA DE ANINGA.

Na mesma escola, tive várias professoras. Entre elas a minha primeira professora **Emiliana Maués da Costa** a escola que existe hoje no mesmo local, que leva o seu nome em sua homenagem, ela tornou-se uma bem feitora daquela unidade de ensino. Quando eu iniciei os meus estudos a minha irmã que era mais velha que eu já estudava aí nós passamos a fazer companhia um para o outro.

Relembro que no ano de (1961) mil novecentos e sessenta e um a professora Emiliana mudou-se para a cidade de Abaetetuba deixando em seu lugar a sua filha, professora Ermita Maué da Costa, com quem estudei a 1º e a 2º séries do Ensino Fundamental, os livros tanto da 1ª como da 2ª série foram “Infância Brasileira” representava que naturalmente não a nossa infância, afinal os livros tratavam de uma infância urbana e completamente distante da realidade da infância tocantina, abaetetubense, amazônida, ou seja, mais um desafio ao ato de educar dos docentes desse lugar, isso nos mostra que o descompasso é histórico, pois o sistema educacional homogenia o Brasil como se ele fosse um só, sem diferenças.

Em mil novecentos e noventa e quatro a professora Ermita casou-se, deixando em seu posto de trabalho sua cunhada Maria Terezinha Abreu da Costa com quem estudei até a 3ª série. Apesar de a escola ser tradicional e do uso da palmatória posso dizer que todas as minhas professoras com quem estudei e que já citei acima foram maravilhosas todas eram carinhosas e que apesar de tudo amavam o que faziam penas que quando eu concluir a 3ª série meus pais não tinham condições de comprar o material pra mim e eu tive que parar de estudar.

Digo isso, porque o modelo da época era esse e dava certo. Embora não concorde com todas as estratégias. Mas minhas lembranças são boas.

A minha infância foi de um menino pobre como muitos da minha época bem simples mesmo o que era normal para os padrões daquela época, devido a carência da minha família, meus pais não tinham condições de comprar roupas, calçados ou brinquedos, diferente do que hoje posso proporcionar para os meus filhos mas apesar de todas as dificuldades que a minha família enfrentava, meus pais souberam me educar ensinando-me a respeitar as pessoas.

O nosso compromisso na época em primeiro era os estudos, depois ajudar nas tarefas em casa como: encher água, apanhar açaí e nas horas de folga brincava em casa, às vezes com os colegas que moravam mais próximo da minha casa. Em relação aos meus estudos, não tive oportunidade de cursar a Educação Infantil.

Dando continuidade a revisão cronológica.

No ano de (1969) mil novecentos e sessenta e nove meu pai adoeceu e ficou impossibilitado de trabalhar e eu tive que procurar serviço para que não passássemos necessidade. Logo consegui trabalho em um engenho pra carregar bagaço de cana era pouco o que eu ganhava aí minha mãe passou a trabalhar na limpeza dos roçados de cana (capinando) e do meu trabalho e da minha mãe nos garantia o sustento da família.

Após três anos em (1972) mil novecentos e setenta e dois, meu pai recuperou a saúde, voltando a trabalhar na profissão de **calafate**, profissão essa que tempos depois eu vim a praticar. No ano seguinte nós mudamos do Furo Gentil para o Rio Tucumandubazinho e lá eu conheci a moça que viria ser a minha esposa, a qual está comigo há (41) quarenta e um anos.

Desse matrimônio fui agraciado com nove filhos sendo três do sexo masculino e seis do sexo feminino, e destes os três primeiros (um rapaz e duas moças) nasceram com uma deficiência auditiva, mas eu pude criá-los, os quais já constituíram também famílias e estão vivendo em paz com sua esposa e esposos, duas das minhas filhas estão na faculdade Claudia Maria cursando letras na UFPA através do PARFOR e Maria de Jesus cursando Geografia pelo PRONERA – UFPA ambas em fase de conclusão.

3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: ITINERÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para dar início a essa abordagem, é de fundamental importância definir primeiramente os significados envolvidos na frase “prática pedagógica” dentro do contexto que será utilizado nesse texto. Prática, segundo o dicionário prático da língua portuguesa, é o ato ou efeito de praticar algo; Fazer existir. Segundo Rios (1998, p. 407 e 427)

“Pedagógica, apresenta-se com algo que se refere à **pedagogia**, ciência que se dedica ao processo de educação dos jovens, estudando os problemas que se relacionam com o seu desenvolvimento; Aptidão para bem ensinar”.

Prática é uma palavra que deriva “do grego *praktikós*, de *prattein*”, e define-se como agir, realizar, fazer. Diz respeito à ação, ação essa que o homem exercita sobre as coisas, aplicação de um conhecimento em uma ação concreta efetiva. É habitual a troca da palavra prática pela palavra práxis, onde essa práxis é compreendida como um exercício humano transformador da realidade natural e humana. Para os autores (SCHIMIDT; RIBAS; CARVALHO, 1998, p. 11).

É necessário ter consciência do termo práxis e de todas as suas implicações para entender o total significado da práxis humana, e por consequência as suas manifestações reais e particulares, a destacar a prática pedagógica.

Dentro dessa conjuntura, a escola deve se caracterizar como um ambiente prático de formação, desenvolvimento, realização e de avaliação de seu projeto educativo, uma vez que é importante organizar seu trabalho pedagógico com embasamento em seu público, os alunos. Segundo Veiga, (1995, p. 11).

Para alcançar esses objetivos é essencial que se estabeleçam e/ou fortaleçam as relações entre escola, educador e educando, sistema de ensino e sociedade, sendo que, todos esses pontos devem constar no projeto político pedagógico escolar.

Analisando a citação acima é importante ressaltar um dos fatores que se tornou marcante em minha infância, as dificuldades para estudar. Nosso maior meio de transporte era a canoa, onde eu e minha irmã tínhamos que remar uma hora de casa, até chegar à escola e mais uma hora pra voltar a nossa casa. Recordo-me que o espaço era uma sala pequena, era necessário que alunos se acomodassem do jeito que desse. Dentro do âmbito escolar tinha poucas carteiras, o espaço era insuficiente para todos os alunos e quem não conseguia sentava em um banco ao lado da parede.

Tenho algumas lembranças inusitadas daquela época, em que a professora ensinava em várias séries e as crianças com diferentes idades era a escola tradicional onde só a professora falava e os alunos escutavam e obedeciam e método de ensinar que ela usava era encher o quadro de conteúdo e o diálogo não fazia parte da metodologia da professora. “As aulas iniciavam às sete horas e encerrava às onze horas e sem intervalo, todos os dias tinham que dar a lição àquele que não soubesse ainda ficava até doze horas estudando a lição”.

Sendo assim, o professor deve ser um facilitador do conhecimento e não mero transmissor:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, á curiosidade, ás perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser critica e inquiridor; inquieto em face de tarefa que tenho de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p.47).

Realizando uma breve análise sobre a ideia de Freire(1996), observe-se sua excelente perspectiva sobre o assunto. Pois o professor, como bem enfatiza o autor, não pode ser um mero reproduzidor de conhecimento. É dever de o educador criar em seus alunos uma visão critica sobre a realidade, realizar nas crianças e jovens indagações sobre o contexto que os envolve, assim os transformando em cidadãos críticos, políticos e atuantes na sociedade.

Atualmente, observa-se que uma prática ainda comum no ambiente escolar é a aplicação dos paradigmas conservadores como método de ensino. Porém, numa sociedade em constante mudança, com pessoas diferentes entre si e com necessidades variadas, nas quais o acesso ao ensino público tem

apresentado aumentos significativos, sendo acompanhado do desenvolvimento tecnológico que vem atingido até as camadas mais simples da população. Dentro desse contexto:

Torna-se questionável a utilização de metodologias que exijam do aluno mera passividade e não lhe possibilitem o desenvolvimento da autonomia e de sua vivência, já que se julga que o educador não é mais o único detentor do conhecimento ao qual se tem acesso (SILVA, 2009, p. 322).

Na abordagem de Silva (2009) ressalta-se uma crítica sobre a utilização de metodologias tradicionais dentro do âmbito escolar. Essa visão é compreensível e assertiva, pois é necessário mudar e criar novos métodos e metodologias que atraem e incentivam os alunos, para a participação em sala de aula. Atualmente, como bem enfatiza o autor, considera-se o professor como não somente o único detentor de conhecimento, porém como um aprendiz junto aos seus alunos. Por isso, a necessidade de transformar essa perspectiva tradicionalista, para dessa forma, desenvolver um melhor ensino dentro das escolas.

Ao destacar esses fatos lembro-me de minhas idas e vindas. Na escola onde frequentava o aluno era impossibilitado de brincar e dialogar com os colegas. Caso realizava-se uma prática de errado por menor que fosse, era castigado com palmatórias. Relembro-me também que naquela época não havia merenda escolar, minha irmã e eu saíamos de casa só com o café da manhã e com isso ficávamos até chegarmos à casa de volta

Demo (1993, p. 153), já destacava que:

Ensinar já não significa transferir pacotes sucateados, nem mesmo significa meramente repassar o saber. Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base em saber crítico criativo, atualizado, competente. Trata-se, não de cercear, temer, controlar a competência de quem aprende, mas de abrir-lhe chance na dimensão maior possível. Não interessa o discípulo, mas o novo mestre. Entre o professor e o aluno não se estabelece apenas hierarquização verticalizada, que divide papéis pela forma do autoritarismo, mas, sobretudo confronto dialético.

Em sua perspectiva Demo (1993) aborda sobre o processo de ensinar, segundo o autor, isso não se delimita somente a um mero processo de

transferência de conteúdo como é constantemente utilizado no ensino tradicionalista. Segundo o autor, ensinar trata-se de uma troca em que a hierarquização entre o mestre e o aprendiz, não se faz presente. Por fim, estabilizando um processo igualitário em que ensinar seja uma discussão dialética e assertiva.

Para os autores Schmidt; Ribas e Carvalho a prática desenvolvida hoje na escola, na sala de aula, tem que ser bem mais ampla do que a transmissão de um conteúdo sistematizado do saber. Deve incluir a individualidade da criança, a criatividade, o modo de aprendizagem, os hábitos e habilidades e a construção de uma atitude correta frente ao próprio conhecimento, já que o aluno deverá ser preparado para ampliá-lo e reconstruí-lo quando necessário, além de utilizá-lo em situações singulares do seu contexto de vida (1998, p. 16).

Vale á pena ressaltar que, no sistema envolto nas várias dimensões da prática pedagógica - a destacar-se docentes, alunos, métodos de ensino, correlação professor e aluno, entre muitos outros - as características conjunturais e estruturais da sociedade brasileira, são essenciais para a compreensão da escola como um todo e da ação do professor.

Desse modo, é importante dizer que a pesquisa dessas várias dimensões sociais é um elemento básico para uma prática pedagógica que possibilite a superação da alienação, do conteúdo sistematizado, dos métodos conservadores e da relação de subalternidade cultural, política e social.

Nessa perspectiva, a pesquisa “é vista como característica da formação e da prática do professor e como elemento de estímulo para a atitude especulativa entre os educando, tão natural entre as crianças das séries iniciais” (SOUZA, 2004, p.3).

Segundo os autores Schmidt, Ribas, carvalho (1998, p. 13).

A prática pedagógica presume em sua essência uma relação teórico-prática onde a teoria e a prática encontram em indissolúvel unidade e só por um processo de abstração podemos separá-los, ou seja, os dois são inseparáveis, sendo que a teoria assume o conjunto de ideias constituídas pelas teorias pedagógicas e a prática pedagógica pelo conjunto dos meios pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor.

Todavia Veiga (1992) possui outra perspectiva a respeito do tema, para o autor. Uma prática pedagógica precisa ser social e orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, inseridos assim no contexto da prática social. Dessa forma a prática pedagógica é uma dimensão da prática social

Segundo (SOUZA, 2004, p. 4) e observando o que já foi exposto anteriormente, é correto afirmar que:

A prática pedagógica é um exercício de constante aprendizagem, do saber falar, ouvir, pensar, agir, propor, contrariar e complementar. Assim como bem enfatiza o autor, essa prática é influenciada pelos aspectos conjunturais e estruturais da sociedade brasileira.

Dessa forma como bem frisa o autor, a informação e o desenvolvimento de conhecimentos científicos são fatores impulsionadores da participação nas atividades escolares – no campo da prática pedagógica e da gestão da escola.

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DAS MUDANÇAS EDUCACIONAIS.

Diante dos questionamentos levantados anteriormente e das memórias adquiridas por mim ao longo do tempo. É importante suceder uma investigação dos aspectos históricos que levaram a modificações no cenário educacional brasileiro. Dessa forma, iremos concluir e realizar uma melhor compreensão dos fatores que envolvem a prática pedagógica disseminadas nas escolas.

É importante destacar que o poder público não disponibilizava nenhum material didático para escola. Recordo-me que eram os pais que tinham que comprar o material necessário. “Em meu caso particular devido à dificuldade financeira, meu pai não tinha condições de comprar um lápis para cada um de nós, ele comprava um e o cortava ao meio para os dois, assim cada um ficava com a metade. Assim como nós as demais crianças não usavam uniformes e andavam descalços porque os pais não tinham condições de comprar.”

Observa-se que a sociedade brasileira passou por várias mudanças expressivas no campo social e cultural, nos últimos anos do século XX.

Entre essas mudanças, podemos destacar aquelas que estão relacionadas ao campo sócio-político, a exemplo, o processo de democratização, proveniente de uma abertura política lenta, sendo reforçado e intensificado por movimentos sociais de diversas categorias de trabalhadores, assim como de movimentos identitários (SOUZA, 2004, p.1).

Evidenciam-se as alterações no campo cultural, tais como a ampliação das inovações tecnológicas, onde os meios de comunicação estão potencializados pelo avanço dessas novas tecnologias e pela percepção do mundo vivo como uma rede de relações dinâmicas e em constante transformação (MITRE; BATISTA; MENDONÇA, 2008, p. 2135).

Dentro desse contexto, a possibilidade da circulação da informação em tempo real é considerada um grande avanço, ainda que a maioria da população brasileira não tenha acesso a essas inovações tecnológicas, além de, internet. Ressaltam-se ainda as transformações como:

Os terminais bancários foram informatizados, fazendo surgir novas particularidades educacionais; a codificação das pessoas, seja via carteira de identidade, seja via cartão de crédito; o fortalecimento das temáticas identitárias, além daquelas relacionadas ao direito à diferença, conquistou espaço na sociedade, via articulação dos movimentos e organizações sociais (SOUZA, 2004, p.1).

A busca dessas modificações ocorridas ao longo dos anos na sociedade brasileira é de fundamental importância para ajudar no entendimento das ações pedagógicas atuais. Primeiramente, deve-se considerar a prática pedagógica como parte de um processo social e de uma prática social ampliada, envolvendo a dimensão educativa não apenas no âmbito escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens, que produzem o “educativo”.

Num segundo plano, a prática pedagógica expressa as atividades cotidianas que são desenvolvidas no ambiente escolar. Atividades essas que podem ser organizadas e planejadas com o objetivo de possibilitar a transformação ou podem ser atividades bancárias, tendo a dimensão do depósito de conteúdo como característica central (SOUZA, 2004, p.2).

Dentro de uma visão pedagógica, é possível observar concepções diferentes no campo educacional, que podem ser organizadas em dois grandes

seguimentos: um seria composto pelas visões pedagógicas que tem como eixo central à teoria sobre a prática, sendo que nesse grupo, estariam os diversos tipos de pedagogia tradicional, sejam elas situadas na vertente religiosa ou na leiga; o outro, vindo em sentido contrário, constitui-se pelas visões que subordinam a teoria à prática, onde estariam agrupadas as diferentes modalidades da nova pedagogia.

(SAVIANE, 2005) enfatiza que: “como aprender no primeiro seguimento, a preocupação gira em torno das “teorias ênfase é posta nas “teorias da aprendizagem” que tem como sua pergunta central” Numa do ensino” que focam na pergunta “como ensinar”, enquanto que, no segundo seguimento, a abordagem dos aspectos históricos. Segundo Saviane (2005, p. 2) elenca que:

O primeiro segmento foi dominante até o final do século XIX. Já a característica do século XX em diante é exatamente o deslocamento para o segundo segmento que veio a se tornar predominante, mas não chega a excluir um modelo tradicional que se contrapõe às novas correntes, disputando com elas a influência sobre a atividade educativa no interior das escolas.

Para o autor Paulo Freire (educador, pedagogo e filósofo brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial) a educação como prática da sociedade deve ser uma educação dialógica e tendo o educador à preocupação de pensar nos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula e que devem partir da análise do ambiente social em que os alunos estão inseridos.

O autor defende que essa investigação da sociedade é de fundamental relevância para garantir o conhecimento e o diálogo, e que são as atitudes que nos fazem “um ser educado”, onde aprender não é acumular conhecimento e sim “pensar” e pensar na realidade onde é possível aprender (FREIRE, 1987, p. 40).

Diante dos questionamentos feitos aqui, lembrar e analisar as modificações que ocorreram e vem ocorrendo na sociedade brasileira em todos os campos, leva a uma retomada dos elementos determinantes no campo social e cultural, sendo que demandar como tais elementos interferem na sala

de aula e na prática do professor é fundamental para compreender a prática pedagógica.

3.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO LEGAL

Como foi possível perceber, a prática pedagógica na educação brasileira, principalmente no ensino básico, está envolvida e pautada por diversas questões, que passam pelo campo político e social. Dessa forma, o objetivo desse tópico é fazer uma abordagem superficial dos marcos legal que regem a prática pedagógica no Brasil.

Destaca-se que a conquista da escola pública no Brasil foi fixada no decorrer do século XX e com ela persistem os desafios relacionados à superação da exclusão e do analfabetismo, sem falar das dificuldades existentes no campo da política educacional, como por exemplo: a produção e apropriação das propostas curriculares e do próprio conteúdo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Tanto na Constituição Brasileira de 1988, quanto na LDB 9394/96, estão determinados os novos direitos sociais (SOUZA, 2004, p.3).

Evidencia-se que, o primeiro esclarecimento a ser feito em relação a todos os aspectos do novo ordenamento legal brasileiro é o que se desloca o eixo da educação escolar e seu currículo, do ensino para a aprendizagem. Esta se apresenta em competências e habilidades relativas são que a literatura descreve como as competências para o século XXI. Entre essas a lei menciona: capacidade de aprender para adquirir conhecimentos; entendimento do ambiente físico e social; pensamento crítico; relacionamento entre teoria e prática, entre outros (MELO 2014, p. 9).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi apresentada para dar suporte principalmente à educação numa das faixas importantes que é o Ensino Fundamental.

No artigo 1º a Lei esclarece que a Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas

manifestações culturais. No parágrafo único do artigo 1º a referida Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. No parágrafo único do artigo 2º diz que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (p. 1).

A LDB 9394/96, tem entre suas finalidades, o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo atual (nacional e regional) e a prestação de serviço especializado à população, estabelecendo com ela uma relação de reciprocidade. Com a LEI efetiva-se o debate sobre a temática exclusão e inclusão; com ela emergem os desafios aos professores que se defrontam com o novo e com o diferente na sala de aula (SOUZA, 2004, p. 3).

No artigo 22º a LEI define que a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

No artigo 23º trata que a educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (p. 8).

4 TRAJETÓRIA DOCENTE E POLÍTICAS DE FORMAÇÃO.

A formação dos professores é apontada como uma das principais responsáveis pelos problemas da educação brasileira. Com base em achados literários, podemos dizer que a formação docente faz referência à figura da professora primária, entretanto existe ausência de formação explícita para o exercício da docência. Nesse contexto surgem as primeiras escolas normais em Niterói (1835), Bahia (1845) São Paulo (1846).

Apresentava carência de professores, de recursos financeiros, de instalações apropriadas de funcionamento, assim como formação precária, os cursos tinham duração de dois anos, com pouca preocupação para a parte pedagógica, pois existia somente uma disciplina de pedagogia para todo o curso (LIMA, 2012, p. 4).

Em 1946, a Lei Orgânica estabelece, em seu art. 34, os seguintes critérios para ser professor primário:

O magistério primário só pode ser exercido por brasileiros, maiores de dezoito anos, em boas condições de saúde física e mental, e que hajam recebido preparação conveniente, em cursos apropriados, ou prestados exame de habilitação, na forma da lei.

Esta legislação define alguns critérios, como por exemplo: nacionalidade, idade, estado de saúde físico e mental, mas na questão da formação do docente para o exercício da função de professor para a escola primária, que hoje representaria o ensino fundamental em nível de 1º a 5º ano, acaba criando lacunas para atuação de professores não qualificados, uma vez que não deixa claro o que significa “preparação conveniente” na legislação citada.

Já em 1961, é aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (4.024/61). Em face ao político e ao ideológico, o capítulo IV, faz referência à formação do magistério para o ensino primário e médio, estabelece que a formação docente para o ensino primário se dará por meio da escola normal de grau ginasial, incluindo no currículo disciplinas pedagógica; desse modo, os concluintes, então, receberiam o grau de regente de ensino primário. A escola normal de grau colegial formava o professor primário, recebendo os concluintes o diploma de professor primário (LIMA, 2012).

No período de 1972/1975, o governo brasileiro, através do MEC, criou os Planos Setoriais de Educação e Cultura. Através desses dois primeiros planos, foram instituídos em vários estados, principalmente nas regiões norte e nordeste, cursos de formação de professores leigos por intermédio das secretarias estaduais de educação, realizados sobre a responsabilidade dos Institutos de Educação, Escolas Normais ou de Escolas de 2º grau que funcionava com a habilitação Magistério.

Esses cursos apresentavam a estrutura curricular dos cursos regulares, porém funcionava no período de férias, uma vez que as pessoas que se objetivava alcançarem a formação de professores, os quais durante o período letivo estavam nas salas de aulas (LIMA, 2012).

Em 1988, o Brasil tem uma nova constituição, que determina a elaboração de uma nova LDB. A nova LDB 9394/96 ampliou as exigências de formação de professores, trazendo como regra geral a formação em nível superior para todos os professores da educação básica, mesmo que ainda admita a formação em nível médio como admissível para aqueles professores que lecionam de primeira à quarta série (MURTA, 2006, p. 38). A nova LDB, em seu art. 62(p. 37), dispõe que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Dentro dessa discussão a respeito das políticas de formação, é inquestionável o ganho trazido com essa elevação do nível de formação exigido por essa nova LDB, onde o que se espera é a elevação da qualidade do ensino. Contrariamente a antiga, a nova LDB não prevê, nem mesmo como uma medida provisória, a admissão nos sistemas de ensino, de professores que não possuam formação mínima exigida, ou seja, é obrigatório ter o curso Normal. Além dessa exigência, a LDB impõe com mais firmeza que os professores leigos sejam habilitados, objetivando dessa maneira que seja erradicada a laicidade no magistério (MURTA, 2006).

Diante do exposto, podemos afirmar que a educação no Século XXI tem que acompanhar o processo de mudanças que a sociedade impõe como contribuição para a formação de um sujeito/professor ativo, critica e criativo. O conhecimento é um diálogo, é uma expressão de liberdade, na medida em que temos leitura crítica da realidade que nos cerca e a visão de que a reflexão deve ser uma constante ação, na perspectiva de indagação.

O processo de formação de professores necessita contemplar um saber pedagógico que conduza a uma reflexão sobre as práticas educativas, um saber cultural e político, um saber transversal, para que o estudante atinja a maturação interna e uma solidez de conhecimento e práticas que lhe confirmem preparo teórico, habilidades para desenvolver o trabalho docente e certa emancipação profissional para começar a exercer a profissão (BREZINDKI, 2008).

4.1 Projetos gavião: como me tornei professor?

O Projeto Gavião surgiu diante da necessidade de solucionar um dos principais desafios a serem enfrentados pelos sistemas de ensino, a habilitação de professores leigos em exercício; com a finalidade de eliminar essa categoria do sistema público de ensino. O referido projeto foi desenvolvido no Estado do Pará durante os anos 90, articulando e movimentando a Universidade Federal do Pará, a Secretaria Estadual de Educação, o MEC e Secretarias de Educação de diversos Municípios, com o apoio da UNDIME. Já em 1997, atingia a 107 Municípios, beneficiando 9.877 professores leigos (MARTINS, 2003).

Dentro desta premissa, “em 1990 a professora que lecionava no Rio Tucumandubazinho mudou para a cidade ficando assim sem professor para atender as crianças daquela localidade diante dessa necessidade a comunidade local e com o apoio de uma associação dos produtores de artefatos de barro (APROABA) ao discutir sobre a devida situação da falta de um professor para aquela localidade, decidiram que a pessoa que deveria ser convidada fosse eu pela receptividade que eu tenho na comunidade e o convite me foi lançado, agradei as pessoas pela confiança e aceitei o convite o que

para mim foi também um desafio por tratar-se de ser leigo e nunca ter atuado como professor, mas em fim, partir para a nova aventura.”

A turma era mutisseriada da educação infantil até a 4ª série no início eu tive muitas dificuldades principalmente por parte do poder público no que se refere ao “**salário que atrasava**” e os professores de contrato passavam até dois meses sem receber o salário eu pensei em desistir, mas as pessoas me incentivavam e eu continuei.

Nas lembranças que tenho um fato importante mudou minha vida, pois “nesse mesmo período o Estado ofertou uns contratos para servidores temporários e eu fui contemplado com um desses contratos e a partir do dia cinco de maio de mil novecentos e noventa e dois, passei a prestar serviço pelo Estado o qual se estendeu até o ano de mil novecentos e noventa e nove, no período da municipalização voltei novamente a prestar serviço para a prefeitura de Abaetetuba, participei do concurso público realizado pela prefeitura de Abaetetuba onde fui aprovado, a partir do ano de dois mil passei a prestar serviço como professor efetivo”.

Vale á pena destacar aqui o conceito do que viria a ser um “professor leigo”. Dentro do contexto abordado neste texto, Leigo é todo professor que não dispõe de formação/habilitação específica para o exercício do magistério. Sendo assim, é considerado leigo o professor que cursou apenas o ensino fundamental; aquele que não concluiu o ensino médio; aquele que completou o ensino médio, mas sem habilitação para o magistério; e aquele que, embora tenha curso superior, não é detentor de diploma de licenciatura.

Desse modo, essas são as variedades de professor leigo por falta de formação. Porém, a eles, é preciso somar aquele que é leigo por desvio de função, ou seja, para o exercício do magistério na série ou nível em que está atuando: “é o caso, por exemplo, do professor que, tendo habilitação de nível médio para o magistério, está lecionando nas séries finais do ensino fundamental” (MARTINS, 2003).

Os cursos do Projeto Gavião foram concebidos em duas grandes etapas, distribuídos nos períodos de férias e recesso escolar, e têm lugar nas sedes dos municípios de maior densidade populacional. O Gavião I é caracterizado como ensino supletivo de nível fundamental, tem cinco etapas e duração de

dois anos e meio; o Gavião II é mais longo, organizado como habilitação para o magistério em nível médio, apresenta oito etapas com duração de quatro anos.

A grade curricular do Gavião I assemelha-se à do ensino supletivo de 1º grau, com o acréscimo da disciplina Fundamentos da Educação. Enquanto o Gavião II tem uma grade semelhante à do curso de Magistério (Brunstein, 1996).

Conforme já delineei acima, a minha habilitação do magistério ocorreu através do projeto Gavião II realizado na escola municipal Joaquim Mendes Contente anexo ao Colégio Estadual de 1º e 2º graus São Francisco Xavier a quem era conferido o diploma o final do curso neste município.

Terminando o magistério em mil novecentos e noventa e nove, eu concluir o curso como professor habilitado, pois o curso com duração de quatro anos tinha como objetivo final formar professores competentes, críticos para atuar dentro e fora da escola por isso finalizar o curso era questão de honra para mim como professor.

Finalizando essa etapa de minha formação relembro o dia mais especial e marcante do curso, do qual a turma toda participou junto com suas famílias, amigos e professores foi o momento de celebrar e agradecer a Deus pela conquista de uma vitória tão esperada: a festa de colação de grau e o recebimento do diploma.

A partir do momento em, que a sociedade confere um diploma a alguém, nomeia-o e classifica-o como diferente, caracterizando como alguém que possui uma carga de cultura e competência técnica exigida pela sociedade, legitima dessa forma, aquele que possui o diploma a buscar o conhecimento social, simbólico e econômico que este lhe confere.

“... Ter o nome e sentir-se com direito de exigir as coisas que, normalmente, estão associadas a tais palavras (...) e aos correspondentes benefícios materiais e simbólicos” (BOURDIEU; BOUTANSK, 2002).

Destaco ainda que nessa época foi difícil, pois ao ingressar no curso eu tive que deixar a família e os filhos no interior para poder estudar, mas minha esposa foi fundamental apoiando-me e incentivando-me para que eu pudesse continuar meus estudos. “O grande sucesso da minha vida profissional foi que durante minha participação no curso do magistério aprendi muitas coisas e com

isso amadureci como profissional e como ser humano, pois através desses aprendizados eu adquirir muitos conhecimentos”.

A equipe que trabalha no projeto é constituída por um coordenador geral, um coordenador adjunto e um assessor, vinculados à Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC); um coordenador local e secretário, vinculados às Secretarias de Educação dos municípios envolvidos. O coordenador local é o responsável pelo Projeto no município, cabendo-lhe apoiar e assessorar os docentes da universidade na adequação do trabalho às condições da clientela e às características da região.

Dentro desse viés Brunstein (1996) destaca que os professores que atuam nos cursos Gavião I e II possuem licenciatura plena ou curta e são selecionados e contratados pela SEDUC entre aqueles que moram no município onde ocorre o curso. Trata-se de um exemplo de articulação entre instituições dos diferentes níveis de ensino visando à qualificação de docentes da educação.

4.2 PRÁTICAS DOCENTES: CONTRIBUIÇÃO DO PARFOR.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é fruto de um conjunto de ações do Ministério da Educação (MEC), em parceria com as secretarias de educação dos estados e municípios e as instituições públicas de educação superior neles sediadas; tem entre suas finalidades ministrar cursos superiores gratuitos e de qualidade para professores em exercício das escolas públicas sem formação adequada à LDB 9394/96 ou que lecionam em área diferente da sua formação (LIMA, 2012, p. 10).

Para isso, por meio do Decreto 6.755/2009, o MEC delegou à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a responsabilidade pela indução, fomento e avaliação dos cursos no âmbito do PARFOR. Todas as licenciaturas das áreas de conhecimento da educação básica serão ministradas no PARFOR, nas modalidades presenciais e a distância: cursos de 1ª Licenciatura para professores sem graduação, de 2ª Licenciatura para licenciados atuando fora da área de formação e de Formação Pedagógica, para bacharéis sem licenciatura (LIMA, 2012, p. 10-11).

Notadamente o PARFOR tem entre seus principais objetivos atribuir um novo significado a prática pedagógica de professores em exercício, fazendo com que surja uma reflexão e questionamento daquilo que é vivenciado de forma automática na escola. De acordo com as diretrizes da Capes, o propósito do PARFOR se caracteriza em:

Induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País (SCHOTTEN; BRID, 2015, p. 5832).

A oferta de cursos, turmas e vagas obedece a uma dinâmica com três fases em sequência: as redes públicas e os institutos federais de educação profissional informam o número de vagas de que suas redes precisam; as instituições de ensino superior, que participam do PARFOR, definem e informam a oferta de cursos e de vagas, e os educadores fazem a pré-inscrição na licenciatura que pretendem cursar. Todo o processo é realizado na Plataforma Freire.

Para ocupar as vagas da primeira licenciatura, o professor precisa atender diversos requisitos: estar vinculado a uma rede pública estadual, municipal ou do Distrito Federal; estar no exercício da atividade do magistério; não ter curso de licenciatura. A carga horária mínima é de 2.800 horas, das quais 400 horas de estágio supervisionado.

A duração do curso é de quatro anos. Já o educador com graduação em área diferente daquela em que leciona precisa estar há pelo menos três anos na rede pública para fazer a segunda licenciatura. Esse curso tem carga horária de 800 horas a 1.400 horas e duração entre dois anos e dois anos e meio. O PARFOR também oferece formação pedagógica para docentes graduados não licenciados, no exercício da docência nas redes públicas. Essa formação complementar é de 540 horas, ministrada durante um ano (BRASIL, Ministério da Educação).

4.3 A FORMAÇÃO SUPERIOR E A CONSCIÊNCIA DO INACABADO.

As problemáticas e os desafios da docência no Ensino Superior surgem da complexidade da educação brasileira que vive momentos de crise e mudanças de paradigmas. As mudanças na sociedade atual sinalizam para a necessidade de uma nova compreensão e organização do processo de ensino-aprendizagem nos ambientes universitários.

Nesse contexto, segundo Aparecida (2015), a profissão docente não precisa somente de teorias e metodologias, pois a vida dos educadores e estudantes não está fixa, formatada, programada, mas já que é vida, entende-se que sempre pode modificar-se, refazer-se, movimentar-se, diversas vezes, falta aos ambientes específicos de ensino, em sua estrutura curricular e física, e aos docentes, em seu planejamento didático e prática pedagógica, um espaço reservado ao desdobramento da vida das pessoas inseridas no processo educativo. Esse espaço é primordial para a construção efetiva do conhecimento.

Assim, devemos olhar o professor como um ator competente e sujeito ativo, envolto de saberes, que, em seu desempenho, frequentemente, pode depara-se com situações problemáticas para as quais não basta a simples aplicação de conhecimentos oriundos das Ciências da Educação, ou de saberes específicos ao conteúdo que desenvolve em sua disciplina.

Para resolver essas possíveis problemáticas, o educador precisa lançar mão de saberes que vem das múltiplas interações entre as fontes de seus saberes, que, como defendemos, são de origem e natureza diversas. (SANTOS, 2010). Neste contexto a autora Aparecida:

Defende que o docente, de qualquer nível da educação, depara-se com perguntas sem respostas em seu cotidiano educacional, porque sempre encontrarão em seus educando, sonhos, reflexões, utopias, o inédito viável. É importante encontrar um lugar no seu planejamento das aulas, para deixar aflorar a humanidade das pessoas, onde elas possam se desenvolver como sonhadoras, onde haja lugar para a intersubjetividade (APARECIDA, 2015, p. 6)

De acordo com (FREIRE, 1997), citado por Santos (2010): O conhecimento de nosso inacabamento demanda do/a educador/ um exercício permanente, ou seja, é a convivência amorosa com nossos/as alunos/as e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios histórico-culturais do ato de conhecer, é que podemos falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.

Nessa conjuntura, partilhamos da ideia de que nas relações e/ou práticas pedagógicas, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender e que nas condições de verdadeira aprendizagem os professores e alunos vão se modificando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado. Por isso, é necessário que o educador sempre tenha o pensamento sobre o conceito do inacabamento dentro da ação pedagógica da atualidade educacional, buscando diariamente o seu aperfeiçoamento profissional.

4.4 PRÁXIS DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE O MEU APRIMORAMENTO PROFISSIONAL.

As pesquisas sobre formação de professores têm destacado a importância de se analisar a questão da prática pedagógica como algo relevante, opondo-se assim às abordagens que procuravam separar a formação e prática cotidiana. Na realidade brasileira, embora ainda de uma forma um tanto “tímida”, é a partir da década de mil novecentos e noventa se buscam novos enfoques e paradigmas para compreender a prática pedagógica e os saberes pedagógicos e epistemológicos relativos ao conteúdo escolar a ser ensinado/aprendido.

Neste período, inicia-se o desenvolvimento de pesquisas que, considerando a complexidade da prática pedagógica e dos saberes docentes, buscam resgatar o papel do professor, destacando a importância de se pensar a formação numa abordagem que vá além da acadêmica, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente (NUNES, 2001).

Partindo dessa premissa “no decorrer do meu trabalho participei de outros cursos de Formação Continuada para professores como o Pró – letramento em matemática e linguagem da rede nacional de formação de

professores realizado pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura) SEB e UFPA (Universidade Federal do Pará) que se realizou durante o ano de dois mil e onze no Estado do Pará. Participei também do Pacto pela Educação na idade certa em dois mil e quinze e dois mil e dezesseis onde adquirir novos conhecimentos que só vieram somar e enriquecer mais as minhas práticas docentes”.

4.5 PARFOR: UMA NOVA PRÁXIS.

A formação docente é uma temática utilizada nos mais variados estudos, que trazem muitas respostas, questionamentos e questões reais. Vem sendo observado que é cada vez mais necessário e urgente preparar o educador para uma prática reflexiva e/ou crítica, para a inovação e a cooperação. Já que, o educador é um profissional que está interligado à formação da consciência do ser humano, deve, inquestionavelmente, ser uma pessoa de visão aberta, dinâmica, e um profundo questionador do seu fazer e da realidade à sua volta.

O PARFOR é uma das políticas públicas voltadas para a formação docente coordenada pelo Ministério da Educação, onde o Curso de Pedagogia PARFOR revela-se fundamentado na concepção de que é na práxis do professor que se constroem as competências necessárias para a compreensão do trabalho pedagógico em todas as suas dimensões. Na perspectiva de melhoria da educação básica pública, a partir do que determina a Lei 9394/96, considerando a urgência na formação do professor.

Neste sentido, o Plano vem possibilitando ao professor ingressar no caminho da profissionalização, buscando o aprimoramento profissional, aumentando seus rendimentos e elevando o seu poder/autonomia, pois esses são elementos fundamentais que precisam ser adquiridos, praticados e superados para a construção da profissão do professor, onde os saberes são as bases para a formação do educador atual. (MATOS, 2014)

5 O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA

A minha inserção no Curso de Pedagogia foi realizada através do PARFOR (Plano Nacional de Formação da Educação Básica), o mesmo resulta de um conjunto de políticas do Ministério da Educação (MEC) que, em parceria com as secretarias de educação dos Estados e Municípios bem como as instituições de ensino superior. Ao lembrar meu ingresso na UFPA (Universidade Federal do Pará) para o curso de Licenciatura Plena de Pedagogia.

Relembro que: “Eu tinha um sonho de cursar uma graduação na universidade, mas não tive a oportunidade de fazer a prova do vestibular.” Após ter sido criado o PARFOR no ano de (2011) dois mil e onze eu me escrevi no curso de Pedagogia fui contemplado e em janeiro de (2013) dois mil e treze iniciei os estudos previstos para concluir em (2017) dois mil e dezessete o qual estou chegando à fase final.

O curso de pedagogia era o curso de preferência para eu conseguir fazer uma graduação e a universidade de minha preferência era a UFPA e foi lá que me deparei com uma nova realidade. No primeiro momento foi um pouco complicado, pois comecei a fazer parte desse novo processo de formação, pude perceber a importância que a formação continuada (ensino superior) tem em nossas vidas.

Assim, aos poucos passei a conviver e a fazer parte desse novo cenário no qual estava inserido. Foram momentos riquíssimos de trocas de experiência, debates, oficinas pedagógicas e outros nos quais pude rever os conceitos, teorias e ideologias diferentes dos que havia aprendido no curso de magistério e assim passei a refletir sobre a prática desenvolvida em sala de aula. Sendo assim, FREIRE (1996, p. 39) enfatiza que:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Dentro deste arcabouço Freire afirma que é necessário refletir sobre a prática pedagógica que se usa dentro da sala de aula, pois como educadores não se pode fechar os olhos a necessidade dos alunos e sim questionar sobre o fazer pedagógico desenvolvido e eficaz na realização das tarefas realizadas dentro e fora da escola. Ao relembrar esses momentos enfatizo a importância da formação continuada na vida do professor, do planejamento escolar e da organização do trabalho pedagógico para nosso aperfeiçoamento da práxis docente.

Apesar das dificuldades por mim enfrentadas sobre o método que o professor trabalhava na turma, para mim eram difíceis porque tinha parado de estudar, mas no decorrer do curso fui me aprimorando e com a ajuda dos meus colegas que contribuíram comigo no processo da minha formação.

Reporto-me também as lembranças significativas as quais vou guardar para o resto da vida essa convivência harmoniosa que tive com os meus colegas de vários lugares como: ilhas, da sede de Barcarena, Acará, Moju, Curusambá, Mocajuba, Ourem e Igarapé-Miri, ao todo são 34 alunos sendo 05 homens e 29 mulheres e que todos marcaram muito na minha vida, por tudo que me ajudaram, todos serão lembrados sempre principalmente o meu amigo Domingos Flavio que sempre que precisava de ajuda ele me ajudava com muita boa vontade, ao Manoel Dias, Elinaldo, Werbett e os demais que foram meus parceiros.

Em meios a tantas dificuldades me encontro no meio da caminhada, a minha trajetória e não se diferencia dos demais alunos, oriundos da realidade das escolas. Por conseguinte, muitas pessoas fizeram parte dessa caminhada, assim como todos os professores que durante esta jornada estiveram conosco nos orientando na busca de novos horizontes e por acreditarem que ao concluir a minha graduação aos meus 66 anos de idade será principalmente um “fato inédito”.

Diante dessas colocações, podemos concluir que o ambiente escolar precisa de profissionais que estejam dispostos a agregar em sua prática novos embasamentos teóricos, que enfrentam dificuldades, mas que ao mesmo tempo priorizam sua carreira e a melhoria na educação, já que, na docência,

ocorre a frequente necessidade de conhecimentos para qualificação da educação.

Nesse contexto, o profissional comprometido com a educação deve ser estimulado a progredir e se qualificar cada vez mais, envolvendo um processo de construção como também de reconstrução, atrelando a teoria com a prática escolar (PIOVESAN, 2014).

Neste sentido, a proposta de formação do professor pelo PARFOR busca como meta que o professor em atividade tenha sua prática pedagógica em constante exame de criticidade, criatividade e confrontada com as teorias educacionais, porque o professor com o domínio dos conhecimentos teóricos e práticos em permanente reflexão e movimentação auxilia na melhoria e qualidade da educação.

Porém, precisam-se aliar a isso tudo o conhecimento de mundo, a vivência e as relações sociais que possibilitem articulação dos saberes na perspectiva pedagógica (MATOS, 2014).

Diante das afirmativas, podemos concluir que o curso de Pedagogia/Parfor contribui significativamente para a transformação da prática docente dos professores em exercício, uma vez que, os sujeitos vivenciam a superação da prática docente meramente reprodutiva e mecânica, desenvolvendo uma prática pedagógica baseada principalmente pela reflexão e a pesquisa e, conseqüentemente, sintam-se mais autônomos e autores da sua própria prática (SANTOS 2014).

Sendo assim, é importante destacar que para os professores a prática está sendo fundamentada e desenvolvida com saberes metodológicos, reflexivos e teóricos, além do fato de que os professores estão cada dia mais motivados e cientes de que aprender e compartilhar conhecimentos científicos, alicerçados com a prática faz sim a diferença na vida de todo e qualquer profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente memorial foi embasado nos pressupostos teóricos da história de vida apresentando momentos marcantes de minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Confesso que para mim foi um grande desafio fazer um contraponto sobre as trajetórias lineares de minha vida. E ao trabalhar com a memória pude analisar através da autobiografia o processo de rememoração e compreendi que a minha formação é composta por elementos educacionais, afetivos, sociais significativos dos quais me ajudaram a fazer a memorização e trazê-los para fazer parte de minha história a considerar (idade, mudanças perdas e descobertas).

Diante das abordagens trazidas por diferentes autores neste texto, podemos concluir que a prática pedagógica aplicada atualmente no ambiente escolar, principalmente na sala de aula do ensino básico, tem se revelado mais ampla do que a transmissão de um conteúdo sistematizado do saber, defendido pelo ensino tradicional.

Considerando que a escola é responsável pela promoção do desenvolvimento sociocultural do indivíduo. Assim, ela contribui de forma significativa na sua formação. Com isso compreendemos que quando ela tem visão crítica de sociedade em que se insere terá a consciência de coletar nesta o próprio objeto de estudo.

Cada vez mais a escola tem ganhado espaço dentro do plano pedagógico escolar, práticas que acreditam que deve ser levado em consideração aspectos como a individualidade da criança, a criatividade, o modo de aprendizagem, os hábitos e habilidades e a construção de uma atitude correta frente ao próprio conhecimento.

Sendo assim, o ensino atual é caracterizado por uma metodologia que afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” e que nas condições de verdadeira aprendizagem os professores e alunos vão se modificando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, onde essas ações devem ser alicerçadas no prazer para que

alcance o verdadeiro objetivo da aprendizagem, ou seja, a prática pedagógica é um exercício de constante conhecimento.

A tarefa de ensinar, como foi mencionado anteriormente, é uma modalidade de trabalho pedagógico e que dele se ocupam inúmeras características, uma delas é orientar a educação para as suas finalidades, determinada socialmente, mediante a teoria e a metodologia da educação e instrução.

Nesse sentido, a educação é uma instituição social que se ordena no sistema educacional de um país, num determinado momento histórico; é um produto, significando os resultados obtidos da ação educativa conforme propósitos sociais e políticos pretendidos; é um processo, por se constituir das transformações nos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento de sua personalidade.

Daí a importância significativa autobiografia usada como metodologia na realização desse trabalho. Tais modificações no campo educacional brasileiro fazem surgir a necessidade de preparar o educador para uma prática reflexiva, para atuar frente a essas inovações; já que, o educador é um profissional que está interligado à formação da consciência do ser humano, o mesmo deve sempre buscar o seu aprimoramento pessoal e profissional manter atualizado e para desenvolver práticas pedagógicas eficientes.

Nesse momento histórico da educação brasileira em que se tem pautado a preocupação com a formação docente, e muitos educadores tem manifestado interesse por fontes autobiográficas, memória, narrativas memorialísticas como fonte de formação e auto formação de professores. Em fim, as reminiscências dos professores permitem compreendermos o processo de cristalização das teorias e convicções pedagógicas, processos esses imbricados intimamente com as praticas educativas desenvolvidas na realidade da educação publica.

Posso afirmar que consegui responder as questões surgidas no decorrer desta pesquisa. Dentro deste arcabouço cito a minha trajetória de vida perpassando pelos meus processos formativos durante todo o período escolar, as transformações ocorridas no cenário educacional brasileiro, o curso de magistério, as contribuições da escola onde atuo (ressignificação da Práxis docente), a valorização profissional e a minha formação acadêmica.

Todavia “aprendi a sonhar cada vez mais, aprendi a ser sempre melhor priorizando os meus estudos e a minha família, dedicando-me e buscando excelência em tudo o que venha a realizar; sempre reformulando e revisando a minha prática pedagógica como professor ribeirinho que sou; tenho a convicção de que não foi fácil chegar até aqui, mais se cheguei foi porque sempre aproveitei ao máximo as oportunidades que tive, pois minha formação tem ocorrido por meio de atividades que contemplam minhas afinidades; além dos anseios que oportunizaram o crescimento e aprimoramento de meus conhecimentos, bem como diversificar meus saberes”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB nacional [recurso eletrônico]: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 11. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em:< http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/proen/ldb_11ed.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2017.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. RJ: Paz e Terra, 1987.

MELO, G.N. **Currículo da Educação Básica no Brasil**: Concepções e Políticas. 2014. Disponível em:< http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2015/09/guiomar_pesquisa.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2017.

MITRE, S.M; BATISTA, R.S; MENDONÇA, J.M. G; PINTO, N.M. M; MEIRELLES, C.A. B; PORTO, C.P; ET al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde**: debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(Sup2):2133-2144, 2008.

RIOS, D.R. **Dicionário Prático da Língua Portuguesa**. São Paulo: Divisão Cultural do Livro, 1998.

SAVIANE, D. **As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira**. Campinas, 2005. Disponível em:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_036.html>. Acesso em: 15 de março de 2017.

SCHMIDT, L.M; RIBAS, M.H; CARVALHO, M.A. **A prática pedagógica como fonte de conhecimento**. Ponta Grossa, 1998. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1332/976>>. Acesso em: 13 de março de 2017.

SILVA, L.A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.35, p.321-322, 2009. Disponível em:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/35/res04_35.pdf>. Acesso em: 13 de março de 2017.

SOUZA, M.A. **Prática Pedagógica: Conceito, Características e Inquietações**. In: IV Encontro Ibero-americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola. Curitiba, 2004.

VEIGA, I.P.A. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.

VEIGA, I.P.A. Projeto Politico-pedagógico da Escola: **Uma Construção Possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995.